

# Urdimento

REVISTA DE ESTUDOS EM ARTES CÊNICAS  
E-ISSN 2358.6958

## *Talvez o lobo seja um bicho mais dócil: teatro em caravana e o enfrentamento a violências contra mulheres*

Leda Gimbo  
Monique Cardoso

Para citar este artigo:

GIMBO, Leda; CARDOSO, Monique. *Talvez o lobo seja um bicho mais dócil: teatro em caravana e o enfrentamento a violências contra mulheres*. **Urdimento** – Revista de Estudos em Artes Cênicas, Florianópolis, v. 1, n. 50, abr. 2024.

 DOI: 10.5965/1414573101502024e0107

Este artigo passou pelo *Plagiarism Detection Software* | iThenticate



A Urdimento esta licenciada com: [Licença de Atribuição Creative Commons](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/) – (CC BY 4.0)



## *Talvez o lobo seja um bicho mais dócil: teatro em caravana e o enfrentamento a violências contra mulheres*<sup>2</sup>

Leda Gimbo<sup>3</sup>

Monique Cardoso<sup>4</sup>

### Resumo

A violência contra mulheres é um fenômeno social complexo, relacionado ao poder patriarcal, alicerçado na exploração do trabalho doméstico não remunerado, bem como na exploração sexual e reprodutiva de mulheres. O feminicídio é o expoente máximo da violência contra mulheres, geralmente cometido por homens do convívio da vítima. Esse é um relato de experiência cartográfico que trata da violência contra mulheres e do feminicídio como exercício de ódio contra a insubmissão, a partir da vivência das apresentações do espetáculo *Aquelas – Uma dieta para caber no mundo*, do Grupo Manada Teatro, que foi apresentado no Ceará e no Pará, bem como das oficinas e encontros com mulheres durante a caravana.

**Palavras-chave:** Violência contra mulheres. Relato de experiência. Movimentos sociais. Teatro.

---

<sup>1</sup> Trecho do Espetáculo *Aquelas – Uma dieta para caber no mundo*, com texto de autoria de Juliana Veras, Monique Cardoso, Murillo Ramos, Rafael Barbosa e Ricardo Guilherme. Espetáculo interpretado por Juliana Veras e Monique Cardoso, com direção de Murillo Ramos, do grupo Manada Teatro. Os trechos aparecerão entre aspas em todo o texto.

<sup>2</sup> Revisão ortográfica, gramatical e contextual do artigo, em língua portuguesa, realizada por Sara Síntique Cândido da Silva. Mestra em Letras pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Especialista em Gestão Cultural pela Universidade Estadual do Vale do Acaraú (UVA). Graduada em Letras Português-Francês pela UFC.

<sup>3</sup> Doutorado em Psicologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN.) Mestrado em Psicologia pela UFRN. Especialização em Neuropsicologia pela Faculdade Christus (CTEC). Graduação em Psicologia pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Professora Adjunta do Curso de Psicologia da Universidade Federal de Goiás (UFG).  [ledagimbo@ufg.br](mailto:ledagimbo@ufg.br)

 <http://lattes.cnpq.br/8136066164744808>  <https://orcid.org/0000-0003-1182-8367>

<sup>4</sup> Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Artes da Cena pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), orientada pela Dra. Grácia Maria Navarro. Mestrado em Artes pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Especialização em Gestão Cultural: cultura, desenvolvimento e mercado no Centro Universitário Senac/SP. Graduação em Marketing na Faculdade Estácio do Ceará.  [moniquecardoso.ato@gmail.com](mailto:moniquecardoso.ato@gmail.com)

 <http://lattes.cnpq.br/5415471367954207>  <https://orcid.org/0000-0001-5735-2371>



## *Maybe the wolf is a more docile animal: caravan theater and combating violence against women*

### **Abstract**

Violence against women is a complex social phenomenon, related to patriarchal power, based on the exploitation of unpaid domestic work, as well as the sexual and reproductive exploitation of women. Femicide is the maximum exponent of violence against women, generally committed by men close to the victim. This is a cartographic experience report that deals with violence against women and feminicide as an exercise of hatred against insubordination, based on the experience of the presentations of the show *Those – A diet to fit into the world*, by Grupo Manada Teatro, which was presented at the Ceará and Pará, as well as workshops and meetings with women during the caravan.

**Keywords:** Violence against women. Experience report. Social movements. Theater.

## *Quizás el lobo sea un animal más dócil: teatro de caravanas y lucha contra la violencia contra las mujeres*

### **Resumen**

La violencia contra las mujeres es un fenómeno social complejo, relacionado con el poder patriarcal, basado en la explotación del trabajo doméstico no remunerado, así como la explotación sexual y reproductiva de las mujeres. El feminicidio es el máximo exponente de la violencia contra las mujeres, generalmente cometido por hombres cercanos a la víctima. Este es un relato de experiencia cartográfica que aborda la violencia contra las mujeres y el feminicidio como ejercicio de odio contra la insubordinación, a partir de la experiencia de las presentaciones del espectáculo *Aquellos – Una dieta para encajar en el mundo*, de Grupo Manada Teatro, que se presentó en Ceará y Pará, además de talleres y encuentros con mujeres durante la caravana.

**Palabras clave:** Violencia contra las mujeres. Informe de experiencia. Movimientos sociales. Teatro.



“Devorada, cuspidada, penetrada, comida<sup>5</sup>”

As vidas de mulheres convergem na violência. É possível afirmar que a categoria *mulheres* (Wittig, 2019) se afirma como construção histórica, para além da existência concreta de uma mulher. Esse grupo heterogêneo é socialmente respaldado na biologia e na afirmação da condição reprodutiva como destino. Os atributos biológicos são o ponto de partida para a definição dos papéis nas relações de gênero defendidas pelo patriarcado cis heteronormativo e são úteis ao capitalismo e às relações de poder e exploração. Para Halberstam (2023, p. 163), “muitos dos nossos entendimentos do humano procedem de e presumem certa normatividade de gênero como base para outros modos de ser”. Nesses termos, além de papéis fixos e divisão de trabalho que priorizam uma categoria sobre as outras, a estrutura binária apaga existências de outras formas de ser mulheres, invisibiliza existências trans, intersexuais e ignora que homens podem possuir úteros e parir. Numa perspectiva binária, como categoria normativa, as mulheres ocupam as posições de servidão e cuidado, são demandadas aos trabalhos domésticos e precarizados, bem como espera-se delas a tarefa de gerar filhos, de ser mão de obra útil, que sejam boas mães, boas esposas, disponíveis ao sexo (Federici, 2023). Podemos apontar a partir de inúmeras fontes como a afirmação de um ideal de mulher para representar essa categoria implica no apagamento e na negação de muitas possibilidades de existir, reduzindo o imaginário às mulheres cis e heterossexuais. A norma de gênero impõe a negação de mulheres trans, de pessoas não-binárias e faz coro com a afirmação do patriarcado junto com o capitalismo.

A violência é uma ferramenta muito útil para a manutenção das relações de poder, certamente a mais precisa e comum. Macro e micropoliticamente o exercício de violências é análogo às relações de dominação e controle (Gimbo, 2021; 2022). Em suas diversas tipificações, serve como aparato para coagir, submeter e, em última instância, exterminar. O feminicídio representa o ápice da violência nas relações. Caracterizado como extermínio de mulheres por serem mulheres e, em geral, mulheres que recusaram em alguma medida a se manter

---

<sup>5</sup> Trecho de *Carpaccio*, letra de Monique Cardoso e Jonathan Silva.



dentro das expectativas normativas. O feminicídio é o exercício máximo de ódio dos homens contra as mulheres, diante das quais se sentem impotentes ou destituídos de autoridade e força. Matar é a última manifestação da perda de controle dos homens sobre as vidas das mulheres. Antes do feminicídio, estão a violência psicológica, física, sexual, patrimonial, ou a combinação de várias delas, para controlá-las, aliená-las e mantê-las submissas.

Nesses termos, espera-se que mulheres atendam aos ideais normativos impostos e socialmente reafirmados, que renunciem ao direito sobre si mesmas e se vejam como mães amorosas, esposas gentis, sempre disponíveis, servis e dóceis. Despentes (2019, p.7) narra a ocasião de um estupro coletivo e dedica seu livro a todas as “excluídas do grande mercado da boa moça”, bem como afirma a condição de exploração sexual e do trabalho doméstico não remunerado dentro dos casamentos, além de lembrar-nos a permissão que os homens têm para circular livremente, divertir-se e violar corpos (não só de mulheres). A autora recorda que carregava um canivete na ocasião do estupro e que em momento algum considerou usá-lo, mas desejou que nenhum dos homens o encontrasse e resolvesse “brincar” com ele. Lafontaine (2022) constata que nossas existências não amedrontam, que aprendemos a tentar fugir e que nossa defesa nunca é um ataque. A certeza da impunidade é a certeza que os homens têm do domínio sobre os corpos (não só) de mulheres. Enquanto somos socializadas para agradar e servir, eles desfrutam dos privilégios. A vergonha é das mulheres (Ernaux, 2019; Lafontaine, 2022). São os corpos de mulheres que são julgados, definidos e explorados, em maior ou menor escala. A partir dos marcadores de raça e classe, as violências se ampliam e a vergonha também.

Esse trabalho se constrói a partir do relato de experiência da *Caravana Aquelas*, uma interface entre o teatro e os movimentos sociais, bem como trata da possibilidade de cartografar e acompanhar os fluxos de imersão no campo. A cartografia como proposta dissidente de pesquisa propõe uma inversão, pois ao invés de traçar um caminho metodológico para encontrar resultados em uma pesquisa, considera acompanhar o caminho e narrar a partir da pesquisa-ação (Barros e Passos, 2009).

O fio condutor é a história de Maria de Bil, vivida no teatro pelo espetáculo



*Aquelas – Uma dieta para caber no mundo.* Essa história de uma e de tantas mulheres imbrica as violências, os movimentos sociais, o teatro e as possibilidades de produção de cuidado e enfrentamento a violência contra mulheres.

“Memória póstuma de Maria de Bil – Canção de sangue e dor”

Maria Antônia da Conceição, mulher de origem humilde, nasceu em Alagoas, mudou-se para o Ceará, casou-se, em 1922 com Severino Domingos da Silva, conhecido como Bil. Em 1926, Maria de Bil já era mãe de dois filhos, estava grávida do terceiro, quando se soube traída pelo marido, com sua irmã, Madalena, uma mulher com deficiência visual. Maria se mudou, então, com os filhos, para a casa de seu pai. Bil propôs que retomassem a relação e mudassem de cidade, no entanto Maria recusou. Bil tinha conhecimento da rotina de Maria, do caminho que ela fazia para levar as marmitas aos trabalhadores da roça. Em 1926, Bil esperou Maria no caminho, emboscou-a, esfaqueou-a. O pai de Maria marcou o lugar da morte da filha com uma cruz. Em 1957, uma capela foi construída nesse lugar, onde anualmente acontece uma procissão, as pessoas levam ex-votos, fazem promessas. Mesmo após a morte, na placa que sinaliza a capela, ainda se escreve que Maria é “de Bil” (Alves, 2014). A santificação apaga a violência? Dociliza Maria, oferece-lhe alguma redenção?

A história de Maria é o fio condutor do espetáculo *Aquelas – Uma dieta para caber no mundo*. É sobre essa, que pode ser também aquela, que pode ser qualquer uma das integrantes dessa categoria. Sendo a violência tão comum e tão utilizada para manter as relações, não é estranho que o sentimento diante da história dessa Maria seja tão compreensível, tão próximo, a história é tão possível de ser a de qualquer uma:

Quando ele me encontrou eu estava com as marmitas na mão. Foi logo perguntando se eu não ia voltar pra ele. Fiquei um pouco calada, pensando nele com Madalena, pensando nele com minha irmã cega. Pensei nos meninos. A gente quando tem filho só pensa nisso, né? Mas se eu não tivesse dito que não, naquela hora eu teria voltado e aguentado aquela vida de desamor que eu tava vivendo.<sup>6</sup>

A insubmissão pode ser sentença de morte. Diante do gesto insubmisso,

---

<sup>6</sup> Trecho do espetáculo.



frustrado e incrédulo da perda do seu domínio, considerado como propriedade e não como uma vida livre e genuína, o feminicídio é a demonstração final de poder. A insubmissão de mulheres ao longo da história possibilita a atualização dos horizontes (Gimbo, 2022). A luta das que vieram antes e as muitas vidas que a luta pela emancipação feminina custou e custa é um preço muito alto, mas, assim como fez Maria, é um preço que muitas mulheres se arriscam a ter que pagar, para não aceitar as condições da rotina violadora de identidades e direitos.

Em memória de Maria, de todas as Marias, o espetáculo produz efeitos de universalização afetiva nas mulheres da plateia. Não há conforto, não há santificação, não há redenção. Estamos todas expostas, estamos todas disponíveis aos mesmos ritos de purificação e à expectativa de que nossas vidas sejam dedicadas ao fardo que construíram para nós como identidade. Talvez seja esse sentimento de universalização do risco de morte, mais do que a sororidade ou a dororidade, que une as mulheres. A violência é, portanto, elemento de identificação e convergência. O espetáculo escancara isso e, possivelmente, as reverberações e necessidades de elaboração pessoal de uma história que é coletiva tenham sido a convocação para que houvesse uma caravana.

A ideia de ampliar para além do espetáculo o encontro entre as mulheres possibilitou que, nos meses de janeiro e março de 2023, a equipe do grupo Manada Teatro fosse temporariamente ampliada e incluísse uma assistente social, uma advogada, uma psicóloga e uma professora, ativista e militante. A caravana foi, assim, uma resposta coletiva ao enfrentamento das violências e apontou para como a união entre mulheres, a ampliação e a forma-coletivo, têm mais força. Apontou também para a necessidade de acolhimento, de espaço para compreender as violências e seus efeitos, ocasião para a solidariedade que, nessa dimensão, só é possível quando uma mulher acolhe a outra, quando mulheres acolhem umas às outras.

“Segura minha mão”

O primeiro espetáculo da caravana foi em Marabá. O trem de uma empresa de exploração de minério parecia não ter fim. A hospedaria às margens da Transamazônica, o rio caudaloso, famílias indígenas, mulheres venezuelanas e



seus filhos pedindo esmolas: o *Brasil não conhece o Brasil*<sup>7</sup>. Nós não conhecemos o Brasil, mas a violência contra mulheres é uma gramática comum.

O cenário e a iluminação estavam sendo montados, os jornais locais anunciavam o espetáculo e a caravana, com a oficina intitulada Vendas e Mordaças, os atendimentos a mulheres e a presença das profissionais da assistência social, psicologia, direito e uma educadora social. A matéria informa que todas “integram a Frente de Mulheres do Cariri, um movimento importante no enfrentamento às violências contra mulheres, que também presta atendimento às vítimas de qualquer tipo de agressão ou ameaça”<sup>8</sup>. A Frente de Mulheres de Movimentos do Cariri, para além da violência, também é um ponto de convergência entre mulheres. Ela nasce ano de 2012, durante o cortejo tradicional da festa de Barbalha, no interior do Ceará, quando um grupo de mulheres se organizou para, em protesto, realizar a Marcha das Vadias. Esse coletivo ganhou força e, no ano de 2014, com lideranças ativas, nomeia-se como uma Frente<sup>9</sup>. Antes de assistente social, atriz, psicóloga, advogada, educadora: mulher. Qualquer identidade ou papel social vem depois.

Nos anos seguintes, mais mulheres passaram a integrar o movimento, que se fez atuante no apoio a mulheres em situação de vulnerabilidade e violências, bem como passou a atuar politicamente, pressionando autoridades e promovendo atos e mobilizações. Dois casos emblemáticos produziram efeitos de solidariedade e união entre as mulheres do Cariri e ampliaram as ações da Frente. No ano de 2016, Rayane Alves Machado desapareceu, o ex-namorado foi responsabilizado pelo crime e ocultação do cadáver<sup>10</sup> e, no ano de 2018, na praça central da cidade de Crato, interior do Ceará, a professora Silvany Sousa foi executada a tiros pelo

---

<sup>7</sup> Canção de Maurício Tapajós e Aldir Blanc, eternizada na voz de Elis Regina.

<sup>8</sup> Matéria do *Correio de Carajás*, publicada em 20 jan. 2023, disponível em: <https://correiodecarajas.com.br/espetaculo-aqueles-aborda-violencia-contra-a-mulher-em-maraba/> Acesso em: 16 jan. 2024.

<sup>9</sup> A história da Frente de Mulheres de Movimentos do Cariri é discutida na Tese de Suamy Soares (2019), disponível em : <https://www.ufpe.br/documents/40086/2837078/Tese+vers%C3%A3o+final+-+Suamy+Rafaely.pdf/b791d0ff-41ce-4672-bc85-28b00c717103> Acesso em: 16 jan. 2024.

<sup>10</sup> Caso Rayane Alves, disponível em: <https://g1.globo.com/ceara/noticia/2016/06/ex-e-presos-suspeito-de-matar-jovem-desaparecida-ha-2-meses-no-ceara.html> Acesso em: 16 jan. 2024.

ex-companheiro que não aceitava o fim da relação<sup>11</sup>. Na ocasião do assassinato, ocorrido em uma noite de domingo, a missa que acontecia na igreja da Sé não foi interrompida, Silvany foi baleada na frente de toda a comunidade e do filho de quatro anos de idade, fruto da relação com o feminicida.

No dia seguinte ao feminicídio, a Frente de Mulheres do Cariri mobilizou um ato público, em volta do banco da praça onde a professora estava sentada quando foi alvejada pelo ex-marido. O ato contou com intensa presença da sociedade civil e da imprensa, mobilizou a população local e o caso ganhou mais visibilidade. Palavras de ordem, cartazes e muitas velas fizeram parte da ação intitulada como “Nem todas estão presentes, faltam as mortas”.

O corpo-coletivo permite ampliar o eco e produzir ressonâncias. Pode ser fácil para os homens sentirem-se autorizados a abater corpos femininos insurgentes, mas é mais difícil que consigam operar sobre a massa, sobre a manada, sobre a força das mulheres em bando.

Figura 1 - Ato em memória de Silvany Sousa, 19 ago. 2018. Foto: Leda Gimbo



<sup>11</sup> Caso Silvany Sousa, disponível em: <https://www.opovo.com.br/noticias/ceara/crato/2018/08/mulher-e-mortaa-tiros-por-ex-companheiro-em-praca-publica-no-crato.html> Acesso em: 16 jan. 2024.

Figura 12- Ato em memória de Silvano Sousa, 19 ago. 2018. Foto: Leda Gimbo



Assim, a montagem do espetáculo em Marabá era a síntese possível de muitas histórias, como cada uma das apresentações do espetáculo já o era, mas, nessa ocasião especificamente, o espetáculo ganhava desdobramentos e o momento que as atrizes ofereciam ao final de cada apresentação, para agradecer e ouvir, foi ampliado, para oficinas, rodas de conversa e atendimentos a mulheres que manifestassem interesse em ser ouvidas ou amparadas em alguma dimensão.

“Araras”

O cenário é composto por uma mesa com base de ferro e tampão de madeira. Três bacias estão posicionadas em frente à mesa, repletas de facas de tamanhos diferentes. Uma bacia cheia de líquido vermelho espesso. Sangue e um grande pedaço de carne chamavam a atenção da plateia que ia chegando e se

acomodando, em silêncio, sussurrando. No lado esquerdo do cenário, uma cadeira, um violão e um baixo. No lado direito, um microfone.

As atrizes entram em cena. Silêncio. Cumprimentam o público, Juliana toca o baixo, Monique corre em volta da mesa - as marmitas, a carne, os filhos, as mulheres mortas. Ofegante, Monique toma o microfone e anuncia:

Um dia, quando eu ainda era criança, na segunda série, um professor pediu para que a gente desenhasse o animal que a gente queria ser. Eu não lembro por que, mas pensei imediatamente na arara. Sempre achei a arara um pássaro muito bonito. Quando eu terminei o meu desenho e fui mostrar ao professor, eu fui questionada sobre a minha escolha.

A voz de Monique ganha um tom mais grave. Juliana se move pelo palco, leva a bacia com facas maiores até a mesa. Monique continua: “Não consegui nem formular um pensamento, pois uma frase imponente foi posta diante de mim: as araras são aves raras, estão ameaçadas de extinção. Então, eu disse: mas eu sou uma arara. E eu já terminei o meu desenho”.

Juliana despeja as facas sobre a mesa e as arruma uma a uma. A plateia com olhares atentos escuta a história de Maria de Bil e assiste à metáfora da produção de um jantar, onde seria servido um carpaccio. “Você já fez carpaccio?” – pergunta uma das atrizes. “Não”, responde a outra, “mas já fui. Várias vezes”. E todas ali, também.

Como também o convite para a reunião da escola, sempre dirigido a todas elas. O copo para a bebida, nunca primeiro para elas. O carro, que é sempre do marido; cozinhou, pode casar; tem de ter filhos, tem de se cuidar; como pode deixar um filho na creche para trabalhar? Apanhou? Foi por amor. Merda. Tá olhando o quê? Desde a infância, como Maria, educadas para ceder, treinadas para introjetar que “mulher não tem querer”.

Figura 3 - Andando cegas entre facas, Marabá, 22 jan. 2023. Foto: Leda Gimbo



Num ápice, com a mesa repleta de facas, as duas atrizes, representando Maria e sua irmã Madalena estão vendadas, de pé, sobre a mesa, entre as facas. “Caminhando cegas entre facas”, e pode ser mais real, Monique desce da mesa e convida um homem da plateia a guiar Juliana, que permanece vendada, para que ela consiga atravessar a mesa sem se ferir. Ele gagueja, pede que ela levante o pé, dê um passo à frente, mas um passo pequeno, são ordens confusas, ela está cega, são mensagens difíceis de compreender, ela precisa ficar imóvel ou se arriscar por conta própria a partir do que ele diz. As palavras são dele, a responsabilidade e a vida são dela. A sensação é de angústia, medo, tensão na plateia. As mulheres se movem inquietas, o homem é incapaz de fazer outra coisa que não seja proferir sugestões de movimento. Ir lá, tirá-la da mesa. Salvá-la. Os homens não salvam as mulheres. O mito do príncipe encantado chegando em cavalo branco é a maior balela, mas é incrível que, mesmo num tempo em que os contos de fadas já não são as preferências infantis, mesmo com todas as notícias de jornal, todos os dias, mesmo com a infinidade de famílias monomatriarcais e abandono paterno,

mesmo com todas as constatações cotidianas, parece que ainda esperamos ser salvas ou pelo menos que os homens sejam capazes de retribuir ao amor e à dedicação sem posse, humilhação ou submissão. Há escolha?

O espetáculo segue narrando a história de Maria, as noites em que Bil chega bêbado, a esperada disponibilidade para o sexo sem qualquer prazer. Quantas vezes as facas e o desejo de pôr fim àquele homem? Mas em geral, as mulheres não conseguem usar as facas contra seus algozes, contudo eles as usam contra as mulheres, não só facas. O sangue espalhado sobre a mesa e sobre Juliana, a carne no chão, a plateia boquiaberta. O final pode ser o mesmo, o final sempre pode ser a morte.

E hoje eu li no jornal: o Brasil mata treze araras por dia, estupra uma a cada onze minutos por serem araras. Das treze araras mortas mais da metade perdeu a vida nas mãos de familiares e companheiros. Aquelas araras empoderadas, fora dos padrões, aves raras, teriam de fazer uma dieta, mudar suas formas, peso e medidas para que possam ficar num padrão de mundo? É preciso caber no mundo? O mundo é a medida? Qual a medida desse mundo? Aquelas querem caber nessa medida? Não seria o mundo que teria que fazer uma dieta para caber nas medidas d'Aquelas?

Juliana canta, as duas gritam, apanham facas, elas sentem raiva, a raiva é a emoção que sinaliza as injustiças, as violações. Deveria ser a raiva, não o medo, a raiva é a possibilidade de não assumir a culpa e o peso das violências que se destinam às mulheres, como se elas fossem culpadas ao invés de vítimas. As luzes acendem.

Uma preocupação imediata são as tantas facas no cenário. A produção é ágil, retira-as e conta, enquanto as atrizes se organizam para encontrar o público que permanece, majoritariamente, composto por mulheres.

“Tu ia ficar doidinha se vivesse no breu”

O trabalho doméstico não é considerado, historicamente, como uma das bases do sistema de produção. Federici (2019) reivindica o lugar do trabalho doméstico e reprodutivo das mulheres como fundamentais para a economia global. As mulheres que realizam tarefas domésticas são consideradas como mulheres que não trabalham e apenas as mulheres que estão no mercado de



trabalho formal são consideradas trabalhadoras. Essa divisão apaga a execução do trabalho doméstico não remunerado como função essencial para o funcionamento social e a acumulação primitiva, bem como invisibiliza suas representantes e assevera a divisão social do trabalho determinada pelo binarismo de gênero e constituição heterossexual das relações. Sobre a marcação social imposta na estrutura binária e patriarcal, Preciado (2023, p. 20) afirma que: “Entre todos os corpos, alguns parecem ter existido sem alma durante muito tempo. Foram considerados pura anatomia, carne comestível, músculos que trabalham, úteros reprodutivos, pele dentro da qual ejacular”. Esse modelo se alinha com um modelo de família patriarcal e com o papel do homem mantenedor e da mulher doméstica. Não precisamos ir muito longe para constatar como esse modelo, baseado também na exploração sexual e reprodutiva está diretamente ligado à violência, às violências, como ferramentas úteis para que as pessoas exploradas continuem sendo exploradas e não ousem se rebelar ou que paguem com a própria vida caso tentem.

Não é tarefa simples constatar esse panorama e o lugar que as mulheres ocupam historicamente quando há romantização massiva de suas identidades e quando esses papéis estão camuflados pela ideia de que o casamento é apenas um efeito do amor.

A maioria das mulheres que permanece após o espetáculo se identifica como casadas, divorciadas e, algumas delas, de imediato trazem as histórias das violências que sofreram para conseguir se separar ou que ainda sofrem. São elas as convidadas para participar das oficinas e a elas é disponibilizada a possibilidade de escuta psicológica, apoio e orientação jurídica e suporte social. O título dado à oficina é “Vendas e Mordaças” e possibilita às mulheres a experiência de guiar e cuidar umas das outras, apoiando corpos e histórias, encontrando outros pontos de convergência além das violências que sofreram.

As experiências de abandono, sobrecarga de trabalho doméstico e formal, a tarefa incessante de cuidar dos filhos, o trabalho imaterial de estar constantemente preocupadas e atentas às necessidades das pessoas que compõem seus núcleos familiares, as traições e comparações, as tentativas sempre fracassadas de ocupar o lugar que esperam delas e de ser reconhecidas



como boas, a constatação de que estão sempre em dívida, sempre se sentindo insuficientes, são narradas e ouvidas, as mulheres tecem uma teia com suas histórias e, a partir daí, vai-se produzindo também algo que só entre elas se pode fazer: o reconhecimento genuíno da força, do desejo, da mobilização para ocupar outros espaços e desempenhar outros papéis. A constatação de que não querem que suas filhas vivam o que elas viveram e que o futuro seja outro.

A escuridão se desfaz no encontro com outras, é no exercício das experiências comuns e do acolhimento entre mulheres que se produz suporte para enxergar a violência e seus efeitos e, aos poucos, para traçar estratégias de resistência, fuga, defesa e atualização dos horizontes possíveis. Não é possível esperar que a libertação seja concedida pela classe que se beneficia com esse regime. Se as mulheres levam tempo para constatar o lugar social que ocupam, os homens parecem levar ainda mais tempo para se reconhecer como privilegiados que instrumentalizam as violências para permanecer em suas posições de poder. “Talvez o lobo seja um bicho mais dócil” que os homens ameaçados em seus privilégios.

O trabalho não emancipa mulheres, um salário não emancipa mulheres (hooks, 2019), apenas o reconhecimento das violações não emancipa mulheres. É preciso que reconheçamos nosso papel como reprodutoras da violência patriarcal e que as crianças não irão aprender outras formas de relação se continuarem sendo educadas para usar a força e a violência como meio de lidar com situações difíceis. Contudo, bell hooks também nos afirma como a solidariedade política entre mulheres é chave potente para a revolução e para transformações estruturais na sociedade, para mudanças profundas nas relações de violência e dominação que ajudam a manter o capitalismo.

A Caravana Aquelas esteve em Marabá, no Pará, esteve nas cidades de São Gonçalo do Amarante, Caucaia e Fortaleza, no Ceará. A cada montagem do cenário, os mesmos tremores, a cada passagem da luz, o amargo na boca, o sangue e a carne. A cada apresentação, a constatação da repetição cruel das mesmas histórias encarnadas em personagens diferentes, muitas e muitas Marias que não são e nem se desejam santas. A cada ajuste para as oficinas, o cuidado com os espaços, os olhares atravessados, os poucos homens da plateia, o tema indigesto,



a coragem renovada para repetir o texto como quem repete um grito de sobrevivência e salvação. Em cada apresentação, a memória das mulheres mortas, as histórias de nossas avós, mães, tias, irmãs, nossas histórias repetidas vezes. O enfrentamento às violências é uma tarefa coletiva, uma missão comum, uma missão para muitas caravanas.

“Reloj de campana tócame las horas  
Para que despierten las mujeres todas<sup>12</sup>”

À guisa de conclusão desse relato, se é que conclusões são possíveis a respeito de um tema tão latente e tão difícil, podemos considerar que o feminismo e a luta contra a violência patriarcal é uma tarefa árdua, que só se faz com muitas mãos e corpos. Uma tarefa que convoca a atualização das relações entre mulheres, o apoio de umas às outras e a supressão das relações de competição e disputa, tão presentes no capitalismo, mas que operam a favor do patriarcado e colocam as mulheres como inimigas umas das outras, trabalhando pelos seus opressores.

Se a revolução é uma tarefa coletiva, todo exercício de comunidade é imprescindível. Todo fortalecimento do senso de coletividade e solidariedade política é ferramenta para a atualização dos modos de existir nesse mundo cujos problemas não se restringem às violências de gênero, aliás, longe disso, as violências de gênero são efeitos do modo de produção capitalista que precariza e destrói a natureza, expropria vidas, vende a propaganda irrestrita de consumo e felicidade, às custas das guerras e das mortes de tantas. É nesse cenário que a arte é um motor para a revolução. A arte é possibilidade libertária de insubmissão, questionamentos, desgoverno e desrepressão dos corpos. O teatro é resistência e revolução.

A Frente de Mulheres e a Caravana são exemplos de coletivização e implicação de fazeres e de afeto que unem mulheres, aproximam homens e ajudam a romper com a norma binária, desde a sua estrutura. Questionar as relações binárias de gênero e apontar formas para sua implosão é uma tarefa feminista a favor da libertação não apenas das mulheres, mas a favor da

---

<sup>12</sup> Trecho da música de Abuela Malinalli.



possibilidade de que a categoria geral se dissolva e não seja representada no imaginário social como cis, branca, hetero. Apontar para o movimento e desejo, “e se a gente assume que nosso desejo é constante (diferente de dizer contínuo), a gente precisa reconhecer que desejo sempre muda. Conseqüentemente, o nosso corpo muda junto” (Favero, 2022, p. 201). Essas experiências de luta e revolta são parte da reivindicação por formas mais livres de existir e que transcendam as categorias estáticas que sustentam o capitalismo e as relações de exploração.

Não estamos em dívida, pagamos antecipado, com juros muito altos, a nossa passagem para existir nesse mundo. Essa passagem custou a vida de muitas de nós, e ainda custa. No teatro, nos lares, nos movimentos sociais, na academia, nos hospitais, nas escolas, a revolução é coletiva, feminista, está crescendo e não há de retroceder.

## Referências

ALVES, D. *Decifrando o sagrado feminino: o assassinato e a devoção a Maria de Bil em Várzea Alegre (CE)*. 2014. Dissertação (Mestrado em Políticas Públicas e Sociedade) – Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2014.

BARROS, R. D. B.; PASSOS, E. A cartografia como método de pesquisa-intervenção. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virginia; ESCÓSSIA, Liliana da (Org.). *Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. 1ª Ed. Porto Alegre: Sulina, 2009.

CARDOSO, M.; VERAS, J.; RAMOS, M.; BARBOSA, R.; GUILHERME, R. *Aquelas – Uma dieta para caber no mundo*. Espetáculo do Grupo Manada Teatro, Fortaleza, 2017. (Não publicado).

DESPENTES, V. *Teoria King Kong*. São Paulo: N-1, 2019.

ERNAUX, A. *A vergonha*. São Paulo: Fósforo, 2022.

FAVERO, S. *Psicologia Suja*. Salvador: Devires, 2022.

FEDERICI, S. *O ponto zero da revolução: trabalho doméstico, reprodução e luta feminista*. São Paulo: Elefante, 2019.

FEDERICI, S. *O ponto zero da revolução: trabalho doméstico, reprodução e luta feminista*. São Paulo: Elefante, 2023.



GIMBO, L. Violência como hábito: leitura de um fenômeno social a partir da teoria do self. In: NASCIMENTO, Lazaro Castro Silva; VALE, e Kamilly Souza do. *Processos em Gestalt-terapia: casos clínicos, ensaios teóricos*. Ponta Grossa: Atena, 2021.

GIMBO, L. Violência como fenômeno social: teoria do self, insubmissão e ética clínica. In: BARROS, Monica Alvim, Paulo; ALENCAR, Silvia; BRITO, Vanessa (Org.). *Vozes em Letras*. Volume 2. Porto Alegre: Editora Fi, 2022.

HALBERSTAM, J. *Trans: uma abordagem curta e curiosa sobre a variabilidade de gênero*. Salvador: Devires, 2023.

hooks, b. *O feminismo é para todo mundo – políticas arrebatadoras*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2019.

LAFONTAINE, MP. *Armas para la rabia*. Buenos Aires: Hélotrope: 2022.

PRECIADO, P. *Dysphoria mundi – o som do mundo desmoronando*. Rio de Janeiro: Zahar, 2023.

WITTIG, M. Não se nasce mulher. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de. *Pensamento Feminista Conceitos Fundamentais*. São Paulo: Bazar do Tempo, 2019.

Recebido em: 20/01/2024

Aprovado em: 01/04/2024